

TEMAS ESPAÇO É O ÚLTIMO DA SÉRIE MUSEUS DO ESPÍRITO SANTO, QUE COBRIU TODO O ESTADO

# Museu guarda histórias da fé de quatro séculos



**SAGRADO.** Os paramentos dos padres se destacam no museu, que voltou a funcionar em 2000, depois de 15 anos desativado. FOTOS: GILDO LOYOLA

Objetos antigos de sacerdotes e roupas dos santos estão no Museu do Convento

**MARCELO PEREIRA**  
mvitoria@redgazeta.com.br

A fé e a história subiram a montanha. Por mais de 400 anos, o Convento da Penha, em Vila Velha, foi o destino das preces e dos próprios fiéis que quiseram dividir as alegrias e tristezas de suas vidas com a



+ detalhes



**Pintura da fé.** Fiéis que tiveram suas preces atendidas por Nossa Senhora da Penha resolveram fixar esse momento na pintura como forma de gratidão. Essas aquarelas são os ex-votos. Esse aqui diz respeito à cura de um fazendeiro da região de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, datada de 1895. Com a popularização da fotografia, essas pinturas praticamente desapareceram.

**Festa de batizado.** Essa proteção de pia batismal é feita de madeira e datada do século passado. Em cada portinhola, está gravado em latim um dos sete dons do Divino Espírito Santo. O acabamento foi feito pelo escultor Carlo Crepaz, responsável também pela famosa Pietá de madeira, atualmente na entrada da igreja.



# roupas dos santos estão no Museu do Convento

MARCELO PEREIRA

mvitoria@redegazeta.com.br

A fé e a história subiram a montanha. Por mais de 400 anos, o Convento da Penha, em Vila Velha, foi o destino das preces e dos próprios fiéis que quiseram dividir as alegrias e tristezas de suas vidas com a Virgem da Penha, padroeira do Estado. No local, esses vestígios de devoção estão por toda a parte, mais destacados ainda no pequeno museu que por lá funciona e que encerra a série de reportagens Museus do Espírito Santo, que o *Caderno Dois* publicou nos últimos oito domingos.

No próximo domingo, os melhores momentos da série, que mapeou as casas de memória do Estado, serão lembrados em um ensaio fotográfico de Gildo Loyola.

O Museu do Convento da Penha começou como um setor de curiosidades, em 1952. Os franciscanos, responsáveis pela administração e manutenção do templo e de todo o sítio histórico, acumulavam na chamada Casa dos Romeiros objetos, imagens, livros, enfim, o acervo antigo da própria igreja que tinha perdido o uso ao longo dos séculos. Isso foi até 1985, quando o espaço foi desativado e os objetos, recolhidos.

O museu nasceu em 12 de dezembro de 2000, desta vez com "cara" de museu mesmo. Numa parceria entre os religiosos e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o acervo foi restaurado, catalogado e datado. A nova instalação passou a ocupar as salas da Secretaria e das Confissões e um anexo à Sala dos Milagres.

**ROUPAS DE NOSSA SENHORA.** O museu guarda objetos litúrgicos, pertencentes aos sacerdotes, e objetos de devoção, usados pelos fiéis em geral. O destaque são as vestes, tanto dos padres quanto dos próprios santos. Sim, porque as imagens da Virgem Maria, Menino Jesus e do povo do céu em geral também ganhavam figurinos conforme as festas e os períodos do ano. Ves-



**CONSERVAÇÃO.** O museu, na Prainha de Vila Velha, retrata um altar com um crucifixo antigo



**DETALHES.** As paredes revelam os segredos da antiga construção. O sino fundido em bronze é de 1784



tes e vestidos, alguns com bordado português, testemunham o apreço dos fiéis do século XIX.

A referência à imagem de Nossa Senhora da Penha não pára por aí. No centro da sala principal, em meio aos paramentos dos padres e hábitos dos freis, repousa uma berlinda de madeira, feita no Rio de Janeiro. Dentro dela, envidraçada e protegida, foi a imagem de Maria para a Catedral Metropolitana, no quarto centenário de Vitória, em 1951.

Perto das roupas das imagens, há outro sinal de passagem de tempo, com toque artístico. Pinturas retratando milagres atribuídos à Virgem, de várias épocas (os chamados ex-votos) compõem uma pitoresca mostra de artes plásticas. Do lado oposto da sala, elas são observadas por nove imagens também de tempos diversos, datados os séculos XVII e XIX.

O Convento também já teve escravos. Prova disso é a cópia de uma relação de negros com nome e idade de cada

um. Houve um tempo em que muitos senhores doavam seus escravos para que trabalhassem por um certo período no santuário a fim de pagar alguma promessa ou cumprir alguma penitência.

Os nomes dos antigos escravos repousam ao lado de uma assinatura para lá de ilustre: a do imperador D. Pedro II, que visitou a

igreja em 1860, com sua esposa, D. Tereza Cristina.

**TEMPO.** A instituição também deixa claras as marcas do tempo. Numa cripta, os restauradores do Iphan preferiram deixar à mostra o "esqueleto" da construção colonial. Tijolos de barro cozido superpostos e amalgamados numa liga de baleia e detritos de conchas marinhas eram os ingredientes principais. Erguiam as paredes maciças e brancas a cal, feitas para servir de marco e proteção de ataques e invasões de piratas, tão comuns na costa brasileira no início da colonização portuguesa.

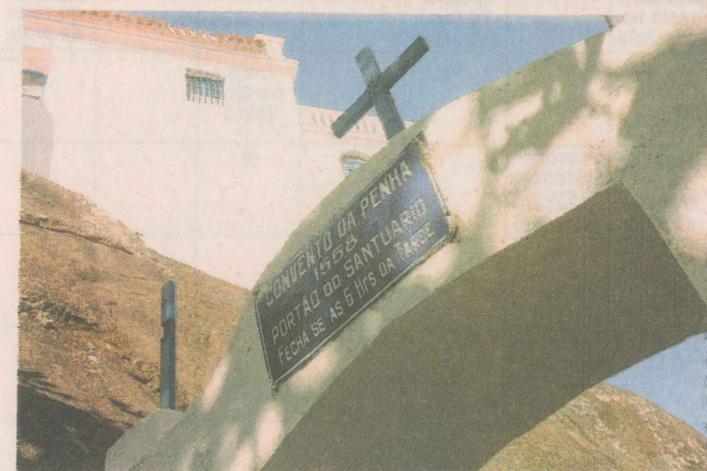
Na entrada, um piso de cerâmica também foi mantido num recorte envidraçado feito no chão. Ele foi encontrado durante a restauração de 1999 e tinha ficado escondido desde a década de 50 quando foi trocado por táctons de madeira. Ecos do passado numa construção, que por si só, já é história.

## O MUSEU PARA MIM É...

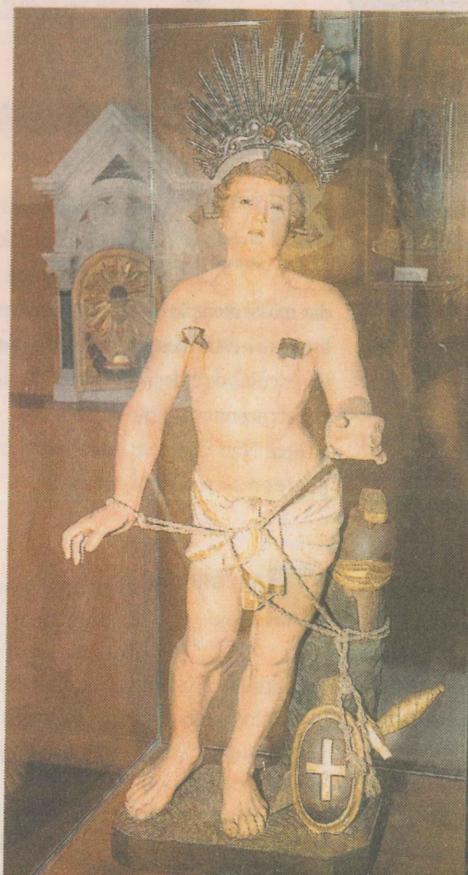
### Um lugar abençoado

**SID CLEY MÁXIMO TEIXEIRA**  
26 anos, monitor do museu

"O Museu do Convento da Penha é para mim um lugar abençoado, seguro e também onde eu aprendo muito. Nunca imaginei que a gente tinha tanta história para mostrar. E essa história faz bem ver. Vem gente do mundo inteiro aqui. Ao entrar, elas se acalmam, porque o ambiente aqui é de paz". FOTO: GILDO LOYOLA



**Funcionamento.** O Museu do Convento da Penha abre diariamente das 8h às 11h45 e das 13h45 às 16h45. Fica próximo ao santuário, que começou a sair dos planos de frei Pedro Palácios em 1558. O Convento fica na Prainha de Vila Velha. Informações: (27) 3329-0420. Ingresso: R\$ 1,00.



**Prova de sangue.** A devoção aos mártires era bastante incentivada durante o Brasil-colônia. Essa imagem, provavelmente do século XVIII, é de São Manoel, um mártir cristão persa nos tempos antigos. Por se recusar a prestar culto aos deuses pagãos, foi torturado, tendo seus ouvidos perfurados por cravos. Até que um terceiro transpassou-lhe o coração. Ele faz companhia a outras imagens antigas, algumas de terracota e de madeira, evidenciando um tempo em que os devotos não tinham condições de obterem imagens de Portugal. Eles tinham que "fabricar" seus próprios santos.